



***O FIGURATIVO INOMINÁVEL: A ART PICTURES DE CLARICE LISPECTOR***<sup>1</sup>

***THE UNNAMABLE FIGURATIVE: CLARICE LISPECTOR'S ART PICTURES***

**Marcos Antônio Bessa Oliveira**<sup>2</sup>  
**Prof. Dr. Edgar César Nolasco**<sup>3</sup>

**RESUMO:** Durante o período de um ano – 2007/2008 – desenvolvemos a pesquisa como projeto de Iniciação Científica PIBIC/CNPq, mas há dois anos – 2006/2008 – vimos desenvolvendo o referido plano de trabalho *O figurativo inominável: a art pictures* de Clarice Lispector como pesquisador de Iniciação Científica – primeiro durante os anos 2006/2007 como bolsista PIBIC/UFMS e depois durante os anos 2007/2008 como bolsista PIBIC/CNPq. Durante todo esse período, de 2 anos, vários aspectos da obra pictórica e literária, objeto de estudo desta pesquisa, da escritora Clarice Lispector, foram estudados e levantados. Suas amizades com outros artistas pintores, com escritores e etc., a importância dos nomes de seus quadros frente ao período de produção dos mesmos, década de 1970 com reflexos da Ditadura Militar brasileira, a fluidez e liquidez de sua obra *Água viva* e de seus quadros, algumas relações dos quadros de Clarice e obras de artistas contemporâneos ao século XXI, entre tantos outros estudos. Vale ressaltar aqui, que vários destes trabalhos científicos desenvolvidos durante todo o período de estudo deste plano encontram-se hoje publicados em livros, revistas, impressas e eletrônicas, em *Anais* de congressos, nacionais e internacionais, entre outros. Para a produção de todo este material que hoje se encontra publicado, foram feitas leituras teóricas na área dos Estudos Culturais e da Literatura Comparada, como fora proposta pelo plano de trabalho, além de estudos sobre biografias, autobiografias e de vasto material teórico sobre a obra da escritora. Pudemos constatar durante toda nossa pesquisa que a produção pictórica da escritora complementa sobremaneira toda a sua produção literária e que ainda toda essa produção pictórica se encontra sem nenhum estudo mais consistente que possa responder com o mesmo respaldo teórico que a sua produção literária já o tem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Clarice Lispector, literatura, pintura

**ABSTRACT:** During the period of one year - 2007/2008 - we developed the research as a project of Scientific Initiation PIBIC/CNPq, but for two years - 2006/2008 - we are developing the project referred in the work plan THE figurative unnamable: Clarice Lispector's art pictures as a researcher of Scientific Initiation - first during the years 2006/2007 as grant holder of PIBIC/UFMS and later during the years 2007/2008 as a grant holder of PIBIC/CNPq. During all this period, of 2 years, several aspects of the pictorial and literary work, the object of study of this research, of the writer Clarice Lispector, were studied and lifted up. Her friendships with other painting artists, with writers and etc., the importance

<sup>1</sup> Este trabalho foi produzido primeiro como relatório final do Projeto de Iniciação Científica PIBIC/CNPQ – período Agosto de 2007 – Julho de 2008.

<sup>2</sup> Graduando do 3º ano do curso de Artes Visuais – Licenciatura – Habilitação em Artes Plásticas. Bolsista da Iniciação Científica – PIBIC/CNPq, Agosto de 2008 – Julho 2009, com novo Projeto intitulado *Entre a Pintura e a Literatura*: negociatas claricianas. E-mail: marcosbessa2001@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Orientador das pesquisas, concluídas e em andamento, professor dos Programas de Mestrado CPTL/DLE – UFMS e pesquisador do CNPq.



of the names of her pictures front to the period of production of the same ones, decade of 1970 with reflexes of the Brazilian Military Dictatorship, the fluidity and liquidity of her work *Água viva* and of her pictures, some relationships of Clarice's pictures and contemporary artists' works to the century XXI, among so many other studies. It is worth to point out here, that several of these scientific works developed during the period of study of this plan, are today published in books, magazines, printed and electronics, in Annals of Congress, national and international, among others. For the production of all the material that is published today, the theoretical support was found in the area of the Cultural Studies and the Compared Literature, as it had been proposed by the work plan, besides studies on biographies, autobiographies and a vast theoretical material on the writer's work. We could verify during all our research that the writer's pictorial production complements all her literary production and all the pictorial production is still without any more consistent study like the same theoretical back-up that her literary production already has.

**KEY WORDS:** Clarice Lispector, literature, painting

Eu não tenho enredo. Sou inopinadamente fragmentária. Sou aos poucos. Minha história é viver. Sempre vivi com o meu individual perigo. O individual de cada pessoa não significa a massa.

Lispector In: Borelli. **Clarice Lispector: esboço para um possível retrato**, p. 15.

O que os artistas escrevem é com frequência muito interessante em relação às fontes e às de suas obras, mas nunca é definitivo ou conclusivo quanto a seus efeitos. Ao espectador cabe criar significados; não ao artista ditá-los.

Gooding. **Arte abstrata**, p. 8.

## INTRODUÇÃO – C. L. A PINTORA AMADORA

Nosso ensaio centra-se na importância dos quadros pintados pela escritora Clarice Lispector nos anos de 1975/1976, principalmente no tocante à idéia de que sua pintura complementa a sua produção literária. No caso específico deste ensaio, consideramos que este estudo tem grande relevância porque nossa idéia parte da premissa de que a personagem-narradora da obra *Água viva* pode ser lida como mais uma *persona* ficcional da escritora Clarice Lispector: enquanto aquela é já uma pintora “famosa” e “consagrada” que quer se “dar bem” no meio literário, escrevendo um livro que diz não ter coragem de publicar, e Clarice Lispector, já famosa e reconhecida como escritora logo após a publicação do livro (1973), põe-se a pintar seus quadros, perfazendo um total de dezoito. Para tanto, vale-se de



uma pintura “abstrata figurativa”, e tais quadros, por sua vez, suplementam sua produção literária anterior.

Pautada na leitura das obras literárias que a escritora desenvolveu no período próximo à confecção de seus quadros, como é o caso de *Água viva* (1973) e *Um sopro de vida: pulsações* (1978), publicados postumamente, e *A hora da estrela*, publicado em 1977, bem como algumas obras teóricas que, se não tratam diretamente de suas pinturas, tratam exatamente deste período de produção intensa da escritora/artista Clarice Lispector e que propõem uma discussão acerca da literatura e das artes plásticas, procuramos desenvolver nosso estudo.

Desde sua obra de estréia, *Perto do coração selvagem* (1943), a escritora despertou, por parte da crítica e do público, grande interesse. A forma de escrever, fragmentada e não linear, se, por um lado, causou críticas severas à época, por outro mostrou um lado original de fazer ficção na literatura brasileira, a ponto de a escritora ser comparada a grandes nomes da literatura moderna. De lá para cá, a crítica tem mostrado o valor literário incontestado de sua produção literária. Os muitos livros que hoje resultam em sua fortuna crítica refletem bem o referido valor literário.

Já com relação à sua pintura (arroladas num total de dezoito quadros), pouco se estudou até hoje. Sabe-se que alguns desses quadros encontram-se no arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro (ver Vasconcellos, 1993), e que outros foram presenteados a amigos pela escritora. Entre os poucos estudiosos da referida produção pictural, Lucia Helena Vianna tem dois ensaios, *Tinta e sangue: o diário de Frida Kahlo e os ‘quadros’ de Clarice Lispector* e *O figurativo inominável: os quadros de Clarice*, nos quais faz uma leitura comparativa entre a obra pictórica de Clarice e a obra da pintora mexicana Frida Kahlo. Todavia, nenhum dos ensaios propõe uma análise minuciosa da importância da linguagem pictural dentro da obra *Água viva* publicada em 1973.

E é pautados nessa deficiência de material teórico sobre as obras pictóricas da escritora que centramos nossas leituras, nas obras literárias da escritora, como antes exposto, e em obras teóricas, produzidas por estudiosos já reconhecidos e respeitados no cenário literário e artístico, que analisam a obra literária da escritora, das quais podemos destacar as produções de Nádya Battella Gotlib, biógrafo da escritora, Benedito Nunes que analisou *o drama da linguagem* em Clarice Lispector, Edgar Cézar Nolasco, orientador deste ensaio, que em



diversos trabalhos estuda uma biografia cultural da escritora, Eneida Maria de Souza e Silviano Santiago que são os maiores críticos culturais do país em atividade, Giulio Carlo Argan que faz uma análise detalhada das produções artísticas modernas, internacionais e nacionais, Ligia Canongia que estuda as produções artísticas brasileiras nas décadas de 1960/1970, entre tantos outros que foram necessários no decorrer de nossos trabalhos.

Alguns trabalhos, por nós já publicados, desenvolvidos dentro do Projeto de Pesquisa PIBIC/CNPq, que antes originou este ensaio, já abordaram parte dos aspectos importantes sobre a relação entre as obras pictural e literária da escritora: (1) as relações de amizade com outros artistas, com os quais a escritora manteve contato enquanto trabalhava como entrevistadora para jornais e revistas; (2) a influência da década de 70, da ditadura militar, sobre tais produções no tocante à escolha dos títulos das obras; (3) e as relações entre as produções de artistas, como Arthur Bispo do Rosario e Farnese de Andrade, com a obra de Clarice pintora.

Baseado em nossas leituras, pudemos constatar que estudos diversos dizem que *Água viva* trata de uma escrita “sobre a vida” da autora. Talvez o mesmo possa ser pensado sobre as pinturas: uma pintura de “sobrevida” enquanto sobre a vida de Clarice. Justifica-se tal afirmativa porque tais pinturas ora vêm narradas dentro da ficção, ora aparecem entrelaçadas nas entrelinhas que estruturam o próprio texto. A rubrica da escritora aposta à tela em forma de texto/assinatura reforça a questão da autoria e do “bio”.

A produção dos 18 quadros, mesmo que amadoramente como afirma sua biógrafa Nádia Battella Gotlib, vem, de alguma forma, contribuir e influenciar com a sua produção literária. Se, por um lado, aumenta sua produção enquanto artista, servindo ao mesmo tempo para uma melhor compreensão de sua obra, por outro, possibilita analisar tal produção como “mistura” que sempre diz não ter feito: obra x vida e vida x obra.

## **TINTA E VIDA – OS QUADROS DE LISPECTOR**

Durante o primeiro ano de realização da pesquisa que originou neste ensaio, 2006/2007, trouxemos a um público maior, 5 dos 18 quadros pintados pela escritora<sup>4</sup>, conforme se confere a seguir:

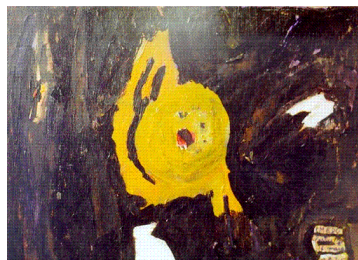
<sup>4</sup> Sobre isso ver texto completo em: OLIVEIRA, Marcos Antônio de. e NOLASCO, Edgar Cezar. *Clarice Lispector: o dito e o interdito da pintura à ficção* In: *Espectros de Clarice: uma homenagem*. 1ª ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007, v.1, p. 123-141.



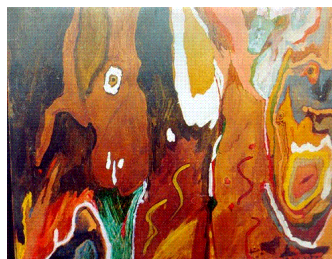
**Ilustração 1 Quadro Explosão**



**Ilustração 2 Quadro Luta Sangrenta Pela Paz**



**Ilustração 3 Quadro Medo**



Marcos Antônio Bessa Oliveira, Edgar César Nolasco  
revistatravessias@gmail.com



**Ilustração 4 Quadro Gruta**



**Ilustração 5 Quadro Tentativa de Ser Alegre**

Já no segundo ano de realização da mesma pesquisa, 2007/2008, pudemos, graças ao livro da pesquisadora e biógrafa da escritora Nádya Batella Gotlib, trazer mais dois quadros pintados pela escritora/artista, além de uma foto da escritora em frente a uma outra obra artística sua, intitulada *Escuridão e Luz: Centro da Vida*.



**Ilustração 6 Foto de Clarice Lispector em frente a um de seus 18 quadros.**

*Escuridão e Luz: Centro da Vida*, datada de 19 de abril de 1975.



Ilustração 7 Quadro Raiva e Rei[ndifi?][cã]o<sup>5</sup>, 28 de abril de 1975



Ilustração 8 Quadro *sem título* no livro da biógrafa.

Datado de 07 de maio de 1975.

### **ÁGUA – corrente – VIVA**

Nessa direção, podemos propor a discussão de que o livro *Água viva* e as pinturas de sua “personagem/autora” (Clarice Lispector) não passam de uma narrativa que narra a trajetória de vida da escritora, o percurso percorrido e o anúncio de um final que não se tardaria:

[...] toda água primitivamente clara é [...] uma água que deve escurecer, uma água que vai absorver o negro sofrimento. Toda água viva é uma água cujo destino é entorpecer-se, tornar-se pesada. Toda

---

<sup>5</sup> Sobre este quadro, em especial a indefinição de seu título, há uma discussão entre os estudiosos da obra da autora não definida sobre o seu nome; para maior esclarecimento acerca dessa questão ver (Oliveira e Nolasco, *Clarice Lispector escritora/pintora: uma história artística em movimento na década de 70 - 2007*).



água viva é uma água que está a ponto de morrer [...] (BACHELARD, 1997, p. 29).

Em *Água viva*, Clarice Lispector fez o que Bachelard chamara de *forma correta do complexo de cultura*, ou seja, dando continuidade ao seu projeto de escrita díspare, iniciado com *Perto do coração selvagem* (1943), inaugura uma nova forma de fazer literatura.

De fato, Clarice fora inovadora e revolucionária em sua obra de estréia, porém não apenas nela como pode-se atestar com suas obras seguintes. *Água viva* não fugiu à regra. Pelo contrário, deve ser lido literalmente como um divisor de águas no contexto do projeto intelectual da escritora. Considerado desde os seus datiloscritos, primeiro *Atrás do pensamento*: monólogo com a vida, e depois *Objeto gritante*, como um livro sem gênero, não é à-toa que nele se lê que é “inútil querer me classificar: eu simplesmente escapulo não deixando, gênero não me pega mais” (LISPECTOR, 1973, p. 14).

Como se vê, Clarice reitera a proposição de Bachelard enquanto uma forma correta do *complexo de cultura*, pois aponta e renova a tradição literária brasileira com sua escrita autobiográfica, mesmo que nunca viesse a assumir tal traço que marca e diferencia sua produção, aliada a um estilo “solto” e fragmentado. Por isso que vale para Clarice Lispector, principalmente no tocante à obra *Água viva*, o conceito de complexo de cultura de Bachelard, que diz que o escritor que vive “[...] em sua forma correta, o complexo de cultura revive e rejuvenesce uma tradição [...]” (BACHELARD, 1997, p. 19).

O filósofo ainda garante que “[...] em sua forma errada, o complexo de cultura é um hábito escolar de um escritor sem imaginação [...]” (BACHELARD, 1997, p. 19), o que parece não ter ocorrido em *Água viva* que, além de ser uma escrita bastante solta e fragmentada, ainda tem uma personagem mulher que dialoga ora com um personagem narrador, ora com seu personagem leitor, assinando-se como pintora de “sucesso” e “renome” que se arrisca a enveredar para o campo da literatura.

Neste tocante, em que pintora quer ser escritora, podemos dizer que as falas da personagem/Clarice, “muita coisa não posso te contar. Não vou ser autobiográfica. Quero ser “bio”” (LISPECTOR, 1973, p. 42), traíram a própria escritora, quando esta garantiu que retirou partes do livro porque eram *autobiográficas demais*. Porque ocorre no livro o mesmo que ocorrera na vida da escritora, ou seja, há apenas uma inversão de papéis. Na ficção, uma





pintora “famosa” tenta ser escritora, enquanto na vida real, a escritora, já famosa, arrisca-se na pintura.

A pintura para Clarice talvez seja a válvula de escape que a escritora tanto procurava em *Água viva*, uma nova forma de falar sem precisar usar as palavras; atrás da máscara do amadorismo na pintura, ela pudesse fazer e dizer o que quisesse sem nenhum tipo de cobrança por parte da crítica especializada:

Entre as mudanças assinaladas entre a primeira e a segunda versão de *AV*, esteve a troca de profissão da narradora que, de escritora, passa a uma pintora iniciante na literatura, máscara dialógica e polêmica que se vale do amadorismo como meio de questionar a esfera institucionalizada da narrativa convencional e dos gêneros estabelecidos (TEIXEIRA In. PONTIERI, 2004, p. 170).

Assim Clarice fica livre para poder fazer uma literatura livre dos moldes pré-estabelecidos, aproveitando para fazer em literatura, como na pintura abstrata, uma literatura não figurativa, uma literatura que para ser entendida como autobiográfica tem de ser lida nas entrelinhas, pois são nas entrelinhas do texto que se tece a relação entre a vida e obra, e vice versa.

Estudos diversos sobre a vida/obra da escritora mostram que a morte da mãe marcou a vida, o inconsciente da escritora/pintora. É ilustrativo do que estamos dizendo a afirmação da narradora-personagem-escritora:

Não estou mais assustada. Deixe-me falar, está bem? Nasci assim: tirando do útero de minha mãe a vida que sempre foi eterna. Espera por mim — sim? Na hora de pintar ou escrever sou anônima. Meu profundo anonimato que nunca ninguém tocou (LISPECTOR, 1973, p. 40).

Segundo Bachelard, o inconsciente, a imaginação, é uma faculdade que não lida com imagens do real; antes lida com imagens que ultrapassam a realidade, imagens que pertenceram às vezes a um passado remoto. O homem, na esteira da reflexão do filósofo, vive em função desse passado remoto, e um passado vive em suas lembranças:

[...] a imaginação não é, como sugere a etimologia, a faculdade de formar imagens da realidade; é a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade, que *cantam* a realidade. É uma faculdade de sobre-humanidade. [...] A imaginação inventa mais que coisas e dramas; inventa vida nova, inventa mente nova; abre os olhos que têm novos tipos de visão [...] (BACHELARD, 1997, p. 17-18).

Marcos Antônio Bessa Oliveira, Edgar César Nolasco  
revistatravessias@gmail.com



Seguindo o raciocínio de Bachelard, podemos dizer que Clarice cria de fato uma vida nova, tanto para a literatura quanto para si própria, e livra-se, em *Água viva*, da escritura da palavra para se jogar na pintura: “é também com o corpo todo que pinto os meus quadros e na tela fixo o incorpóreo, eu corpo a corpo comigo mesma” (LISPECTOR, 1973, p. 11).

É neste jogar-se na pintura que a escritora, agora pintora, cria uma linguagem particularmente sua, uma linguagem feita de fragmentos da escrita de si própria esboçados em telas feitas de seu “passado”:

Hoje acabei a tela de que te falei: linhas redondas que se interpenetram em traços finos e negros, e tu, que tens o hábito de querer saber por que — e porque não me interessa, a causa é matéria de passado — perguntará por que os traços negros e finos? é por causa do mesmo segredo que me faz escrever agora como se fosse a ti, escrevo redondo, enovelado e tépido, mas às vezes frígido como os instantes frescos, água do riacho que treme por si mesma. O que pinteí nessa tela é passível de ser fraseado em palavras? Tanto quanto possa ser implícita a palavra muda no som musical” (LISPECTOR, 1973, p. 11-12).

“*Água viva*, ‘coisa que borbulha. Na fonte’”, como borbulha a personagem/pintora em *Água viva*: o livro é a história da perda da linguagem que se converte em ganho de uma linguagem outra, que mal se representa para melhor representar” (SANTOS, 2000, p. 130), agora através da linguagem da pintura, o *figurativo do inominável* como garante a própria personagem pintora da narrativa, uma linguagem que já não se faz mais apenas com as palavras escritas, o texto, mas sim passa a fazer-se pela palavra pintada, pelo texto-tela, por tintas, pincéis, colas e madeiras. A tinta deste texto-tela ocupa o lugar da água viva que jorra e se esvai como a vida/morte da autora, como se fosse o seu próprio sangue, matéria espessa, densa e melancólica que esvai das próprias entranhas e veias da autora, porém procurando fazer o que quase sempre não conseguira em sua obra literária, “narrar qualquer coisa sem ao mesmo tempo narrar-se”. Para Nunes:

Para Clarice Lispector, a impossibilidade é de narrar qualquer coisa sem ao mesmo tempo narrar-se — sem que, à luz baça de seu realismo ontológico, não se exponha ela mesma, antes de mais nada, ao risco e à aventura de ser como o *a priori* da narrativa literária, como o limiar de toda e qualquer história possível (NUNES, 1995, p. 159).

## ESPECTROS CLARICIANOS

Marcos Antônio Bessa Oliveira, Edgar César Nolasco  
revistatravessias@gmail.com



Já que para a escritora a dificuldade, como dissera Nunes, era *a impossibilidade de narrar qualquer coisa sem ao mesmo tempo narrar-se*, no decorrer da referida pesquisa propomos ao organizador do evento *Seminário Internacional Clarice Lispector: 30 anos depois* que comemorava os 30 anos de morte da escritora que ocorreu na UNB durante os dias 28, 29 e 30 de novembro de 2007, professor André Luís Gomes da Universidade de Brasília, uma exposição de pinturas onde exporíamos nossos espectros da escritora Clarice Lispector. Com relação aos espectros da escritora, vejamos o que já dissera Nolasco:

[...] o título deste livro (*Espectros de Clarice: uma homenagem*) alude ao livro derridaiano, *Espectros de Marx*, mas é escusado dizer que em se tratando de Clarice Lispector ela desvela, desde o nome, a herança anagramática de espectros (Lispector).

Daí talvez ser um consenso da crítica brasileira de que só se pode falar de Clarice no plural. Quer seja por meio de sua vida, ou melhor, seus modos de viver, quer seja por meio de sua obra, ou modos de escrever, o que encontramos sempre é uma imagem, uma *persona* que se descentra para dentro, dispersando seus restos e passos corporais e escriturais [...] (NOLASCO, 2007, p. 9).

No tocante ao pictural, que move nossa leitura, ainda podemos dizer que não encontramos apenas uma imagem, mas várias imagens da escritora/pintora.

A exposição de pinturas *Espectros de Lispector: trinta anos mais tarde* veio colaborar com algumas questões nesta história. Uma, prestar uma homenagem aos 30 anos de *saída pela porta dos fundos* da escritora e pela publicação de seu último livro em vida *A hora da estrela* (1977). Outra, lembrar que a nossa artista homenageada além de escritora fora pintora e por fim, trazer ao público do referido evento espectros pictóricos da artista, que ilustram a homenagem prestada.

Para render tal homenagem, foram convidados os acadêmicos do 2º ano do curso de Artes Visuais – Licenciatura da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus Campo Grande. Foi sugerido a eles que transportassem para a tela, ou outro suporte de sua preferência, o seu espectro particular da escritora/pintora Clarice Lispector. Entre os trabalhos apresentados, foram selecionados 12 trabalhos para participarem da exposição/homenagem. Portanto, participam da mesma: Marcos Antônio de Oliveira com o trabalho *Espectro de Clarice* na técnica de Aquarela sobre papel, que inclusive é a capa do livro com o título *Espectros de Clarice: uma homenagem*, Douglas Urbanek com o trabalho: *Pensamentos*, Izabella Mara Fachini de Freitas Cayres com trabalho: *Clarice pop*, Pedro Yule com o



trabalho: *Na imaginação de Lispector*, Alan Ojeda com o trabalho: *Clarice*, Neiton Cezar Benites com o trabalho: *O sol de Clarice*, Thyanne Alline de Oliveira Costa com o trabalho: *Alguma coisa modestamente nua* e Janaína Piccelli com o trabalho: *A colegial*, sendo que estes são na técnica de tinta acrílica sobre tela. E Mirian Sofia Cristaldo com o trabalho: *Espelho da vida*, Kassiane Ribeiro Sena com o trabalho: *Lacônica e simples* e Maévi Barboza Soares com o trabalho: *Mademoiselle Clarice*, com a técnica de tinta a óleo sobre tela e a gravura em técnica de água forte e água tinta de Luciane D'Ascensão Nogueira da Silva com o trabalho: *Melancolia Clariciana*.

A proposta inicial da exposição era que, a partir de fotografias da *persona* Clarice Lispector, cada pintor/artista/acadêmico fizesse um trabalho em pintura, acrílica ou óleo, gravura etc. sobre um suporte que aproximasse a medida de 0,50 x 0,60 cm, a fim de dar certa padronização à exposição, e abordando ainda, cada um dos artistas, um movimento no histórico da pintura mundial. Desse modo, a exposição contou com trabalhos Realistas, Impressionistas, Fovistas, Cubistas, Aquarelas entre outros.

Um dos trabalhos que apresentamos aqui fora antes selecionado pelo organizador do livro *Espectros de Clarice: uma homenagem*, o Prof. Dr. Edgar Cézar Nolasco, para ilustrar a capa do mesmo, que fora lançado, aliás, no evento.

Na esteira de Nolasco, se *mil e uma Clarices se insinuam nas frestas da vida e da ficção*, na pintura não é e não poderia ser diferente, posto que os trabalhos aqui apresentam espectros que foram baseados num espectro fotográfico de Clarice Lispector, considerando que talvez a fotografia seja o espectro mais palpável de qualquer espectro. Logo podemos dizer que vários espectros de Clarice agora rondam a pintura brasileira, assim como já o fazem na literatura ou na crítica.

Poderíamos até dizer que os espectros aqui apresentados, através das pinturas, já não são mais os espectros pessoais de cada artista, como fora a proposta inicial da exposição, não em sua pureza, ou seja, os espectros deles já estão atravessados pelo *meu* espectro, enquanto organizador da exposição. E isso é possível de ser pensado porque ao falar de um espectro do outro, “[...] ao mesmo tempo inscreve-se aí a possibilidade de se pensar em o *meu* espectro *dela* (...). Sem esquecer que tal espectro está atravessado pela presença de um outro (...)” (NOLASCO, 2007, p. 11), diríamos o meu próprio.



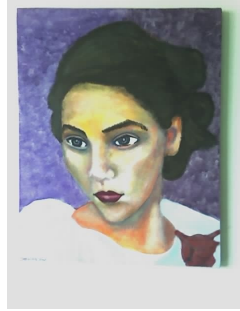
E se *compete ao crítico eleger seus amigos escritores com os quais ele quer dialogar criticamente*, compete também ao artista pintor escolher os pintores ou movimento artístico que irá dialogar para realizar seus trabalhos de pintura. No caso dos quadros da exposição, está bem claro, posto que temos pinturas, como já antes posto, com referências Cubistas, Realistas, da Pop Art, entre outras, não que os artistas estejam com os pés “fincados” nestes movimentos ou em seus respectivos: *os espectros daqueles já fazem parte dos espectros destes artistas que pintaram os espectros de Clarice Lispector*, ou seja, já estão atravessados pelos tantos espectros das fotografias e da crítica. Então podemos nos perguntar: Será que o espectro de um se sobrepõe ao espectro do outro? Talvez sim.

Mas cabe explicar que a exposição não se trata de um retorno aos pintores ou aos movimentos já passados ou mesmo um retorno à própria Clarice, como postula Nolasco ao falar da crítica, mas trata-se de um retorno mesmo dos pintores, dos movimentos e um retorno da própria Clarice Lispector, porque a crítica e os artistas não abandonam e nem conseguem abandonar o(s) seu(s) espectro(s) criado de cada um deles. *É Clarice Lispector, de novo, confundida (...)* [com a pintura]. *Só poderia haver um encontro de seus mistérios se um se entregasse ao outro: a entrega de dois mundos complementares, a matéria com alma, a alma que habita a matéria.* É um terceiro que se narra narrando a própria vida e obra da escritora Clarice Lispector.

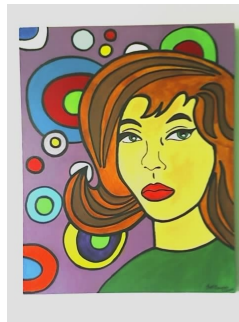
## OS ARTISTAS E SEUS RESPECTIVOS *ESPECTROS*



**Ilustração 9** Marcos Antônio de Oliveira *Espectro de Clarice* Aguada sobre papel - 0,50 x 0,40 cm



**Ilustração 10 Douglas Urbanek *Pensamentos*. Acrílica sobre tela - 0,50 x 0,40 cm**



**Ilustração 11 Izabella Mara Fachini de Freitas Cayres *Clarice pop* Acrílica sobre tela - 0,50 x 0,40 cm**



**Ilustração 12 Pedro Yule *Na imaginação de Lispector* Acrílica sobre tela - 0,40 x 0,50 cm**



**Ilustração 13 Alan Ojeda *Clarice* Acrílica sobre tela - 0,50 x 0,40 cm**



**Ilustração 14 Neiton Cezar Benites *O sol de Clarice* Acrílica sobre tela - 0,50 x 0,40 cm**

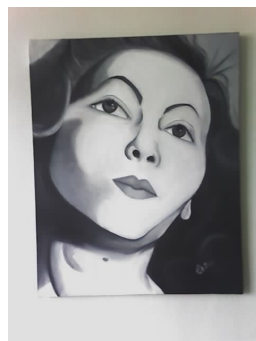




**Ilustração 15** Thyanne Alline de Oliveira Costa *Alguma coisa modestamente nua* Acrílica sobre tela - 0,50 x 0,40 cm



**Ilustração 16** Janáina Piccelli *A colegial* Acrílica sobre tela - 0,55 x 0,45 cm



**Ilustração 17** Mirian Sofia Cristaldo *Espelho da vida* Óleo sobre tela - 0,50 x 0,40 cm







Ilustração 18 Kassiane Ribeiro Sena *Lacônica e simples* Óleo sobre tela - 0,50 x 0,40 cm



Ilustração 19 Maévi Barboza Soares *Mademoiselle Clarice* Óleo sobre tela - 0,50 x 0,40 cm



Ilustração 20 Luciane D'Ascensão Nogueira da Silva *Melancolia Clariciana* Gravura em água tinta e água forte - 0,50 x 0,40 cm

## OS ESPECTROS EM EXPOSIÇÃO

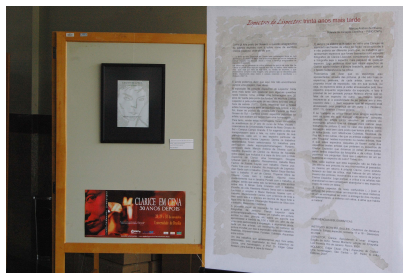




Ilustração 21 Foto da Exposição na UNB



Ilustração 22 Foto da Exposição na UNB

## CONCLUSÕES – AINDA QUE PRECIPITADAS

A pintura/palavra da artista personagem de *Água viva*, assim como o texto/tela da autora Clarice Lispector, é, sim, hoje, *passível de ser fraseado em palavras*. Porque são pinturas que estão de algum modo ligadas à sua produção literária da mesma época; sem a menor obrigação com qualquer estética artística, são pinturas soltas, fragmentadas, de cores que não se misturam, de suportes incomuns e com seus títulos que “traduzem, na maioria, impulsos interiores” (GOTLIB, 1995, p. 477):

Essa atividade [a pintura] mostra coerência com os fragmentos que escreve nessa época e que, depois, irão compor o universo da personagem de *Um sopro de vida* [mas antes fizeram parte de *Água viva*]. De fato, nota-se uma tendência para deslocar-se cada vez mais do figurativo, na escrita, aproximando-se do ritmo e de sons puros, desvinculados de compromissos com a linha contínua do discursivo e da história; e na pintura, detendo-se em cores e linhas, com manchas fortes, em construção que indicia inquietação e turbulência interior (GOTLIB, 1995, p. 477).

Dissera sua biógrafa ao falar das pinturas de Clarice Lispector. Pinturas essas que foram *desenvolvidas* nos anos de 1975 e 1976, isto é, logo após a publicação do livro *Água viva*, como já se disse. Mais uma vez a escritora é traída pelas palavras, porque mais uma vez se percebe aí a fusão entre arte e realidade, vida e ficção e vice versa, o que só autentica o traço biográfico que tinge as produções literárias e pictóricas da artista.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARGAN, Giulio Carlo. **Arte moderna**. Trad. Denise Bottmann e Federico Carotti. – São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaios sobre a imaginação da matéria**. Trad. de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Coleção Tópicos)
- BORELLI, Olga. **Clarice Lispector: esboço para um possível retrato**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- CANONGIA, Ligia. **O legado dos anos 60 e 70**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa**. Coordenação de edição, Margarida dos Anjos, Marina Baird Ferreira; lexicografia, Margarida dos Anjos... [et al.]. 4. ed. ver. ampliada. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- GOMES, André Luís. (Org.). **Anais do Seminário Internacional Clarice em cena: 30 anos depois**. Publicação do Departamento de Teoria Literária e Literatura/Petry Gráfica & Editora, ano 01, n.01 (2008). Brasília, 2008.
- GOTLIB, Nádya Battella. **Clarice: uma vida que se conta**. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Clarice Fotobiografia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.
- INSTITUTO MOREIRA SALLES. **Cadernos de literatura brasileira**. Edição especial, números 17 e 18 – Dezembro de 2004.
- LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro – São Paulo: Editora Record, 1984.
- \_\_\_\_\_. **Água viva: ficção**. Rio de Janeiro: Editora Artenova S. A., 1973.
- \_\_\_\_\_. **Água viva: ficção**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Um sopro de vida: pulsações**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.
- \_\_\_\_\_. **Aprendendo a viver: imagens**. Edição de texto: Tereza Monteiro; edição de fotografia: Luiz Ferreira. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- NOLASCO, Edgar Cézar, OLIVEIRA, Marcos. A. Espectros de Clarice. In: NITRINI, Sandra. et al. - **Anais do XI Encontro Regional da Associação Brasileira de Literatura Comparada**, 2007: São Paulo, SP - Literatura, Artes, Saberes / Sandra Nitri... et al. - São Paulo: ABRALIC, 2007. e-book.
- NOLASCO, Edgar Cézar & GUERRA, Vânia Maria Lescano (org.) **Discurso, Alteridades e Gêneros**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2006.
- NOLASCO, Edgar Cézar. (Org.) **Espectros de Lispector: uma homenagem**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007.
- \_\_\_\_\_. **O objeto do desejo em tempo de pesquisa: projetos críticos na Pós-Graduação**. Rios de Janeiro: Editora Corifeu, 2008.
- NOLASCO, Edgar Cézar. **Clarice Lispector: nas entrelinhas da escritura**. São Paulo: Annablume, 2001.



\_\_\_\_\_. **Restos de ficção: a criação biográfico-literária de Clarice Lispector.** São Paulo: Annablume, 2004.

\_\_\_\_\_. **Caldo de cultura: A hora da estrela e a vez de Clarice Lispector.** Campo Grande – MS: Ed. UFMS, 2007.

NUNES, Benedito. **O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector.** São Paulo: Editora Ática, 1995.

OLIVEIRA, Marcos. A., NOLASCO, Edgar César. Clarice Lispector e Farnese de Andrade: uma *Água viva* biográfica. In: **Interletras** (Dourados). , v.1, p.01 - 11, 2008.

\_\_\_\_\_. Arthur Bispo do Rosario e Clarice Lispector: a hora cultural das estrelas. In: **Revista Travessias - Pesquisa em Educação, Cultura, Linguagem e Artes.** , v.1º, p.1 - 10, 2007.

\_\_\_\_\_. Clarice Lispector escritora/pintora: uma história artística em movimento na década de 70. In: **Revista Ângulo** (Lorena). , v.1, p.76 - 81, 2007.

\_\_\_\_\_. Clarice Lispector: e seus quadros por ela mesma. In: NASCIMENTO. Luciana Marino do, PEDROSO, Luís Eduardo, SANTELLI, Adriana Deslgado. (Orgs.). Cd-Rom - **Múltiplos olhares sobre a linguagem, a arte e a ciência.** 1ª ed. Rio Branco - Acre: EDUFAC, 2007.

\_\_\_\_\_. Clarice Lispector: o dito e o interdito da pintura à ficção In: **Espectros de Clarice: uma homenagem.** 1ª ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007, v.1, p. 123-141.

\_\_\_\_\_. A pintura autobiográfica em *Água viva* de Clarice Lispector. In NOLASCO, Edgar César. (Org.) **O objeto do desejo em tempo de pesquisa: projetos críticos na Pós-Graduação.** Rios de Janeiro: Editora Corifeu, 2008. p. 45-52.

OLIVEIRA, Marcos. A. **Clarice Lispector e suas a Políticas da amizade.** In: *Rabiscos de Primeira* (UFMS). , v.7, p.77 - 82, 2007.

ROSENBAUM, Yudith. **Clarice Lispector.** São Paulo: Publifolha, 2002. – (Folha explica)

SANTOS, Jeana Laura da cunha. **A estética da melancolia em Clarice Lispector.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 2000. 176 p.

SANTIAGO, Silviano. **Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político-culturais.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

\_\_\_\_\_. **Nas malhas da letra.** Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

\_\_\_\_\_. **Uma literatura nos trópicos: ensaios de dependência cultural.** Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

\_\_\_\_\_. **O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

\_\_\_\_\_. **Ora (direis) puxar conversa! : ensaios literários.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

SOUZA, Eneida Maria de. **Crítica cult.** Belo Horizonte; Ed. UFMG, 2002.

TEIXEIRA, César Mota. O monólogo dialógico: reflexões sobre *Água viva*, de Clarice Lispector. In. PONTIERI, Regina (Org.). **Leitores e leituras de Clarice Lispector.** São Paulo: Hedra, 2004. p. 165-174.



VASCONCELLOS, Eliane (Org.). **Inventário do arquivo Clarice Lispector**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa. Centro de Memória e Difusão Cultural. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, 1993. (Série CLB, 5)

VIANNA, Lucia Helena. Tinta e sangue: o diário de Frida Kahlo e os 'quadros' de Clarice Lispector. **Revista de Estudos Femininos**, Jun 2003, vol. 11, no. 1, p. 71-87.

\_\_\_\_\_. "O figurativo inominável: os quadros de Clarice". In: ZILVERMAN, Regina et al. **Clarice Lispector: a narração do indizível**. Porto Alegre: Artes & Ofícios, 1998.